

“EXPERIÊNCIAS QUE NOS TORNAM UNIVERSIDADE”: NARRATIVAS SOBRE UM ENCONTRO COM O CINEMA

Beatriz Avila Vasconcelos (Organizadora)¹

Karine Ladeira²

Cláudio Henrique Soares³

Ivanize Soares⁴

Gláucia Galvão⁵

Andressa Megiolaro⁶

Carolina Cardozo⁷

Resumo: Este escrito se constitui de uma partilha de experiências de estudantes de Letras da Unespar – *Campus* de Paranaguá sobre a visita que realizaram ao Curso de Cinema da mesma Universidade no *Campus* de Curitiba II (antiga Faculdade de Artes do Paraná), ocorrida em outubro de 2016. A partilha das narrativas serve aqui como ponto a partir do qual tensões e diferenças podem ser contempladas, desde aquelas advindas do encontro entre dois cursos distintos, em dois *campi* com realidades muito diversas, passando pelas tensões e diferenças entre a própria linguagem do *logos* acadêmico, como *episteme* fundada numa ideia de objetividade e de uma certa ordem de verdade, e a linguagem da experiência, como *empeiria*, fundada no vivido por um sujeito singular, que quer poder falar de si com você. Para além destas tensões, ou por meio delas, este escrito quer também possibilitar encontros, deixando que as experiências aqui comunicadas pelos sujeitos diminuam os isolamentos, revelem os elos possíveis e nos reúnam numa roda em que as narrativas sobre experiências singulares nos convidam ao reconhecimento de uma vida em comum.

Palavras-chave: Experiência. Narrativa. Formação. Cinema.

165

1 Doutora em Letras Clássicas pela Universidade Humboldt, de Berlim. Professora do curso de Letras da Unespar – *Campus* Paranaguá. Atua na formação de leitores de literatura e de cinema como uma das coordenadoras do Projeto de Extensão Fora das Grades: literatura e cinema como prazer e liberdade. Coordena o grupo de estudos CiGNO – Cinema e Significação. É membro do Cineciare – Cinema: Criação e Reflexão (Unespar/CNPq). Desenvolve pesquisas no campo dos Estudos da Recepção, da formação de espectadores e das relações entre literatura e cinema, com foco atualmente na presença do poético no cinema de Andrei Tarkovski.

2 Estudante do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/ *campus* de Paranaguá.

3 Estudante do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/ *campus* de Paranaguá.

4 Estudante do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/ *campus* de Paranaguá.

5 Estudante do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/ *campus* de Paranaguá.

6 Estudante do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/ *campus* de Paranaguá.

7 Estudante do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/ *campus* de Paranaguá.

**“EXPERIENCES THAT TURN US INTO AN UNIVERSITY”: NARRATIVES ON AN
ENCOUNTER WITH CINEMA****Beatriz Avila Vasconcelos (Organizadora)****Karine Ladeira****Cláudio Henrique Soares****Ivanize Soares****Gláucia Galvão****Andressa Megiolaro****Carolina Cardozo**

Abstract: The present writing consists of a narrative of experiences shared by a group of undergraduate students of Letters from the Paranaguá *Campus* of the State University of Paraná during their visit to the School of Cinema of the same University, at the Curitiba II *Campus* (former Faculty of Arts of Paraná), held in October 2016. The narrative sharing is seen here as a place from which tensions and differences can be addressed, raging from the tensions and differences arising from an encounter between two distinct courses, located at two *campuses* baring very different realities, to the tensions and differences between the language of the academic *logos* itself, as *episteme*, based on an idea of objectivity and a certain order of truth, and the language of experience, as *empeiria*, based on what is lived by a singular subject who wants to be able to speak of her/himself with you. Going beyond those tensions, or through them, my writing also wants to make room for encounters, allowing for the experiences here shared by those singular subjects to lessen our isolation, to reveal possible bonds, and to bring us together around a wheel in which narratives on singular experiences invite us to the perception of a life in common.

Keywords: Experience. Narrative. Formation. Cinema.

1. “O ACONTECIMENTO É COMUM...”

“A experiência e não a verdade é o que dá sentido à escritura.”
(LARROSA, KOHAN, *apud* LARROSA, 2016, p. 5)

Devo começar este escrito com uma observação sobre a sua própria forma. Não se trata aqui de um “artigo científico”, como o resumo e as palavras-chave talvez possam induzir. E devo confessar que ainda estou à procura de um nome para o gênero textual capaz de nomear o que poderá ser lido nestas páginas: dizeres, narrativas, relatos de partilha, memórias? Isto faz com que eu entre neste dossiê, em uma revista denominada “científica” como alguém que está de calça jeans e camiseta entrando em uma festa *black tie*, com uma certa ousadia e tudo de tensão que ela carrega, mas também com toda promessa de renovação que a ousadia, em seu confronto com as formas mais estabelecidas, traz. Em todo o caso, trata-se de um texto que entra neste dossiê para compartilhar narrativas, e, com elas, experiências vividas por sujeitos singulares, mais especificamente um grupo de estudantes de Letras da Unespar – *Campus* de Paranaguá que estiveram, no dia 14 de outubro de 2016, em visita ao curso de Cinema da mesma universidade, no *Campus* de Curitiba II, antiga Faculdade de Artes do Paraná, localizado a pouco mais de 100 km de Paranaguá.

A visita foi organizada por via de uma parceria, envolvendo pessoas dos dois *campi*. Do curso de Cinema foram responsáveis pela organização deste encontro a Profa. Juslaine Abreu-Nogueira e o Prof. Eduardo Baggio, além da estudante Helena Volani e da egressa do curso e então bolsista do LICA (Laboratório de Investigações em Cinema e Audiovisual) Agnes Vilseki. Também o Prof. Fábio Allon e a então estudante de Cinema, Waleska Antunes, estiveram presentes nesta ocasião, recebendo os estudantes de Letras e desenvolvendo com eles atividades de aproximação ao cotidiano do curso de Cinema. Do curso de Letras, as responsáveis foram eu mesma e a Profa. Cristian Pagoto, ambas como coordenadoras do Projeto de Extensão “Fora das Grades: literatura e cinema como prazer e liberdade”, projeto em que, desde 2011, vamos vivendo formas “fora das grades”

– curriculares e de qualquer outra ordem – de aprender pela experiência – simples, livre e direta – dos sujeitos com obras literárias e cinematográficas e pela partilha dessas experiências entre os participantes.

A ideia desta excursão surgiu como uma demanda dos professores organizadores de estreitarmos os laços daqueles dois *campi* da Unespar, aproximando os estudantes dos cursos de Letras e de Cinema, criando situações de convivência e troca que poderiam ser enriquecedoras para eles e para nós também, como professores. O Projeto Fora das Grades já havia promovido algumas aproximações, convidando a Paranaguá professores e alunos do curso de Cinema para ministrar oficinas e minicursos, fazer exhibições de filmes e conversar com os estudantes. Nestas ocasiões, pudemos ver o quão intenso era o desejo de muitos estudantes de Letras de estreitar ainda mais os laços com este universo do cinema.

Figuras 1, 2 e 3: Momentos de encontro de pessoas do Curso de Cinema da Unespar – *Campus* de Curitiba II e estudantes do *Campus* de Paranaguá. Da esquerda para a direita em sentido horário: Mini-curso de Linguagem Cinematográfica ministrado por Eduardo Baggio na Unespar - Paranaguá; Oficina de Introdução ao Cinema, ministrado por Helena Volani e Agnes Vilseki, na Unespar Paranaguá; Encerramento da Mostra Mulheres em Foco, promovida pelo Projeto Fora das Grades na Biblioteca Mário Lobo, em Paranaguá.



A curiosidade entre alguns estudantes de Letras e participantes do Projeto Fora das Grades para conhecer o curso de Cinema em Curitiba foi aumentando a cada contato. Também nós, professores – Eduardo, Juslaine, eu e Cris – começamos a ver o quão rico para todos nós poderia ser esta visita ao curso de Cinema, proporcionando a alguns estudantes de Letras com interesse pelas artes o contato com um curso e com um *campus* inteiramente de artes. O único empecilho para a realização deste encontro era a indisponibilidade de transporte: a van do *campus* de Paranaguá estava sem manutenção por falta de recursos e não podíamos contar com a van do *campus* de Curitiba II também por algum motivo de força maior ou menor. Assim, surgiu entre o grupo de participantes do Fora das Grades a ideia de fazer uma vaquinha para cobrir os custos de locação de uma van privada para o transporte até Curitiba. A adesão foi imediata da parte de todos, e eles tiveram que se planejar financeiramente para pagarem os R\$ 40,00 da van mais a refeição em Curitiba. Muitos trabalhavam e batalharam para também conseguir folga no dia da excursão. Alguns moravam em cidades vizinhas, e tiveram que pegar o ônibus para Paranaguá ainda de madrugada para conseguirem chegar a tempo da partida de nossa van. Um dos participantes, residente em Antonina, perdeu o horário do ônibus para Paranaguá, e conseguimos “resgatá-lo” em um ponto no meio da BR 277. Tudo isto são gestos que expressam o enorme desejo dessas pessoas de fazer essa viagem, que parecia poder abrir-lhes a porta para um mundo por onde só conseguiam olhar pelo buraco da fechadura.

Erfahrung, termo alemão usado por Benjamin para designar a experiência, no pleno sentido coletivo e comunicável que toda experiência possui, tem em sua raiz o verbo *fahren*, que significa ir, viajar, transportar-se, deslocar-se, geralmente por via de algum veículo, palavra também associada etimologicamente a *Gefahr* (perigo). Assim, a nossa travessia física naquela van (*fahren*) materializava a travessia anímica que toda experiência (*Erfahrung*) possui, expondo-nos generosamente a tudo de inesperado, de risco (*Gefahr*), que a viagem da experiência provoca.

Nossa Jornada ao curso de Cinema teve a seguinte programação:

7h30 - Saída do *Campus* de Paranaguá
9h30 - Visita à sede do Curso de Cinema, em Quatro Barras. Café da manhã. Participação na disciplina de Direção I, ministrada pelo prof. Fábio Allon (com exibição das produções Ele-Retrato, feitas por alunos da disciplina)
11h30 - Transporte para o *Campus* II, no bairro Cabral, em Curitiba
12h -13h15 - Pausa para almoço
13h30-16h30 – Minicurso de História do Cinema (ministrante: Waleska Antunes - aluna do curso de Cinema)
16h30 - Lanche e confraternização
17h - Retorno da van ao *Campus* de Paranaguá

Nossa intenção com esta programação era possibilitar que, além de conhecer as instalações na sede do Curso de Cinema e o *Campus* II, os estudantes pudessem ter um primeiro contato também com os estudantes de cinema e com os saberes construídos e veiculados naquele curso. Para isto a participação dos estudantes na aula de Direção I, do Prof. Allon foi essencial. Naquela aula foram apresentados curtas metragens produzidos pelos alunos de cinema como resultado do aprendizado feito na disciplina de Direção I. Os estudantes exibiam seus filmes e falavam sobre seu processo criativo, recebendo os comentários dos colegas e do professor. Tanto o professor como os estudantes de Cinema receberam muito bem a turma de estudantes de Letras e alguns destes também entraram no debate. Além da aula do Prof. Allon, à tarde os estudantes de Letras assistiram a um minicurso de História do Cinema, ministrado por uma estudante do último período, Waleska Antunes, estreitando o contato tanto com um saber da área do cinema quanto com uma estudante que ali compartilhava seus conhecimentos. O modo como esses eventos e toda a travessia pelo curso de Cinema foram experienciados pelos estudantes de Letras ali em visita será conhecido por suas próprias narrativas, que foram registradas em um fórum que criei no *Facebook* para que pudéssemos compartilhar nossas impressões daquela jornada.

Porém, falar de experiência obriga-nos a encontrar uma linguagem da experiência, como adverte Jorge Larrosa (2016), uma linguagem que se choca com o *logos* acadêmico, esperado na escrita de um dossiê de uma revista científica. Então, antes de compartilhar as experiências dos estudantes a partir de suas próprias narrativas, sinto-me impelida a falar algo sobre este choque de linguagens. Começo com um dizer do pedagogo da experiência, Jorge Larrosa:

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual a sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós (LARROSA, 2016, p. 32).

Assim, também o escrito ou a fala da experiência não pode separar-se do indivíduo concreto em quem esta experiência encarna. Assim como “ninguém pode aprender da experiência de outro” (LARROSA, 2016, p. 32), do mesmo modo ninguém pode falar da experiência de outro. A linguagem da experiência coloca com isso alguns impasses – terríveis e libertadores – aos parâmetros tradicionais da escrita acadêmica. Em primeiro lugar, a linguagem da experiência exige uma escrita do eu, talvez do nós, mas rigorosamente do eu, na medida em que este nós é composto da união das vozes dos vários eus que viveram um mesmo acontecimento, porém cada um sempre a seu modo particular. Isto confronta diretamente com a ideia de um saber científico fundado num distanciamento entre sujeito e objeto, sustentado linguisticamente pelas formas impessoais da terceira pessoa. Nesse sentido, a linguagem da experiência abala os fundamentos de uma certa ideia de verdade, supostamente objetiva e válida universalmente, descolada das particularidades das subjetividades.

Em segundo lugar, derivadamente, a linguagem da experiência abala o próprio fundamento da autoria, outro conceito importante para a produção do conhecimento científico e igualmente para esta certa ideia de verdade. A autoria é, na tradição discursiva acadêmica, selo de qualidade do dito, atribuindo-lhe origem e conseqüente credibilidade. A função-autor, para falar da compreensão discursiva dada ao autor por Michel Foucault, não deve ser confundida, porém, nos gêneros textuais acadêmicos, com a noção de pessoa, subjetivamente marcada. O autor de um artigo não surge ao leitor como um indivíduo com dimensão pessoal e subjetiva – ainda que a possua e que isto tenha feito parte, inclusive, do modo como ele construiu o próprio conhecimento que aparece no artigo como um conhecimento objetivo. O autor de um artigo é uma função do discurso -- assim, a este autor ou a esta autora é conferida autoria não por sua existência individual, mas por seu lugar em uma formação discursiva de saber-poder. Em termos concretos, o autor ou a autora de um artigo acadêmico não é João ou Maria, mas sim Doutor ou Doutora, Pesquisador ou Pesquisadora, desta ou daquela Universidade, com esta ou aquela titulação e aquele

percurso na pesquisa que lhe conferiram a sua autoridade. Ainda que Doutor João seja velejador, goste de cozinhar e seja pai de Joãozinho, não é como tal que ele surge ao leitor de seu artigo. O mesmo não acontece na linguagem da experiência, em que o sujeito da experiência surge com tudo o que ele é, gosta e possui, como tudo o que ele viveu e vive. A linguagem da experiência, por conseguinte, abala o lugar discursivo do autor, na medida em que se erige sobre o lugar da pessoa, naquilo que ela viveu, experienciou.

Desse modo, neste escrito de experiências, surge de pronto a tensão inevitável entre aquilo que é da ordem da ciência e da técnica (*epistême*, *téchne*) e aquilo que é da ordem da experiência (*empeiria*), pois, afinal, é uma tentativa de trazer a linguagem da experiência para um lugar – um dossiê numa revista científica – em que ela é estranha, deslocada e, em muitos casos, incompreendida, desprezada, negada. No caso particular deste escrito, esta tensão já começa pela dificuldade de nomear o gênero textual ao qual ele pertence, tal como deixei expresso nas primeiras linhas. Depois esta tensão atinge também o campo “autor”: de quem é este escrito? Quem o assina? Na revista em que este dossiê se encontra, a regra é que os “autores” sejam doutores, regra que evidencia a dimensão discursiva do autor como marca de credibilidade do escrito a partir de certos critérios de verdade e de saber. Mas os autores das experiências aqui auto-relatadas não são doutores, o que os excluiria, em princípio, de estarem aqui, de terem entrado nesta festa *black tie* por não portarem o traje adequado. E daí? Devo eu, como mediadora deste escrito e professora doutora assinar por eles? Mas o que esta assinatura atestaria, o que ela autorizaria, sobre o que ela falaria? Se a experiência não pode ser vivida nem relatada por um terceiro, a não ser apenas pelo si mesmo, como fazer esta experiência ser dita em um dossiê acadêmico? E se os si mesmos não possuem a titulação exigida para serem autorizados a falar, deve-se transgredir as regras para que suas experiências possam ser comunicadas neste lugar? Ou o muro será realmente denso demais para permitir que seja aberta uma passagem? Trazer a linguagem da experiência a este espaço me impõe tensões deste tipo, tensões que eu acolho de muito bom grado porque me apontam pontos de ruptura, de mais além.

Posso nomear a vontade deste mais além, desta ruptura com formas enrijecidas da língua acadêmica, como um dos meus propósitos em trazer para um dossiê científico estes dizeres de experiência de estudantes de Letras em seu encontro com o curso de Cinema.

Mas este não é senão um desejo secundário, porque o desejo principal é mais simples e mais vital. Meu desejo principal com estes dizeres é o de simplesmente pôr-nos em contato com as pessoas, estas que experienciaram este encontro, pôr-nos em contato com a sua linguagem, que revela o modo como um acontecimento foi vivido por elas e como, a partir do que elas nos narram, podemos também ser ligados às suas experiências e uns aos outros. Sim, meramente o contato, deixando que as pessoas que aqui dialogam deixem a linguagem da experiência dizer inteiramente o que foi esta experiência subjetivamente para cada uma delas. O que quero é simplesmente compartilhar o maravilhamento que pude ter ao ler os relatos destes estudantes, maravilhamento que eles compartilharam comigo por meio dos escritos que abaixo podem ser lidos.

Creio que o contato, puro e simples, com os dizeres / escritos de experiência são uma espécie de resistência, em tempos em que a regra mais forte é aderir a uma enxurrada de discursos que, sem falar de nós, a partir do vivido, nos informam, nos afirmam, nos negam, nos exortam, nos agitam, nos impelem a todo tipo de reação a partir de coisas externas a nós mesmos, e que nos retira do centro da vida vivida, a única narrável, a única verdadeiramente comunicável, lançando-nos numa profusão de palavras que, apesar de soarem, estabelecem um silêncio mortificante entre todos nós. Neste silêncio do narrar, Walter Benjamin (2012) melancolicamente viu o fim da experiência, uma vez que não há experiência sem que o vivido se compartilhe em narrativa. Então, narrar é, de certo modo, por-se em defesa da vida da experiência, do elo entre as pessoas produzido pela comunicação entre o que se experienciou, mantendo vivas formas reais de conexão uns com os outros.

“As ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo”, vaticina Benjamin (1994, p. 197) em seu texto sobre o narrador. Esta morte da experiência não é, para ele, senão uma consequência da morte do narrador no mundo entre-guerras em que ele vivia e do qual o nosso mundo é herdeiro. Quão atual não soa esta sua constatação para nós!: “Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.197).

Então, valorizar as narrativas, ouvi-las, lê-las, compartilhá-las não é uma forma “menor” de comunicação. Trata-se de um verdadeiro ato de resistência à morte da experiência e à morte de tudo o que nos liga e nos permite fazer parte de uma vida em comum, esta que foi experienciada e nos é narrada. Credo nisso, passo às narrativas, linguagem da experiência.

Figuras 4 e 5 – Da direita para a esquerda, presença dos participantes do Projeto Fora das Grades na aula de Direção I, do Prof. Fábio Allon; Mini-Curso de História do Cinema, ministrado pela então aluna do Curso de Cinema, Waleska Antunes.



Fotos: Beatriz Vasconcelos, em 14/10/2016

2. “... MAS A EXPERIÊNCIA É PARA CADA QUAL A SUA, SINGULAR.”

Karine: A reflexão da professora Cris feita ontem no final do encontro fez todo o sentido para mim e confirmou o que venho pensando há algum tempo sobre a relação entre o curso de Letras e a formação de professores. Devido a algumas experiências vividas posso dizer que o que é realmente necessário no curso de Letras é o enriquecimento cultural dos acadêmicos, pois somente através disto poderão ser bons professores, ou seja, somente aumentando seu conhecimento e vivendo experiências intelectuais poderão representar para seus alunos um saber. Não é a preparação técnica que nos faz bons, até porque pode ter certeza de que, principalmente se você for trabalhar em escola particular, o sistema vai ditar as regras de como organizar o trabalho e, infelizmente, ou você se encaixa ou você perde seu emprego e vai ficar sem dinheiro até para comprar um bom

livro. Não adianta dizer que não é assim, porque é! Diante disso, penso que o curso de Letras, realmente, deveria repensar seus objetivos. Estou cursando uma especialização em Filosofia e lá sempre nos é dito que o professor de Filosofia não deve ser entendido apenas como um professor, mas como o próprio filósofo, ou seja, não se forma para ser professor de Filosofia, mas para ser filósofo. Creio que assim deveria ser também com a formação em Letras. Por tudo isso, penso que conhecer outros saberes, outras culturas, outras áreas, etc amplia significativamente nosso olhar para nossa própria formação. Nós temos muito para conhecer e é uma pena nos limitarmos (eu mesma acabo me limitando às vezes). Nossa cidade já ajuda nessa limitação e, por isso, é muito importante buscarmos outros meios de vivenciarmos o conhecimento e até mesmo pensarmos em outras possibilidades. Para mim, a visita ao curso de cinema foi reanimadora e me lembrou do que devo considerar como realmente importante tanto na vida profissional como pessoal. Foi uma experiência maravilhosa, enriquecedora e muito necessária.

Beatriz: Sempre gosto muito quando você participa das atividades do projeto, Karine, porque a sua visão sensível sempre se conecta com o melhor que as experiências podem oferecer e sei que você sempre as aproveita para fazer revisões da vida, de si mesma e de suas potencialidades. Foi muito rica nossa conversa motivada por suas percepções do curso de Letras e do que ele poderia ser se estivesse mais conectado às artes. Espero que possa estar sempre com a gente nos enriquecendo.

Gláucia: Os filmes fazem parte da minha vida desde sempre, não consigo me ver sem eles. São memórias de infância e perspectiva futura, pois agora tento pesquisar sobre essa maravilhosa arte que não é só entretenimento pra mim. O passeio à FAP foi enriquecedor e prazeroso, adorei conhecer o *campus* e estreitar laços dos cursos que a cada vez mais dialogam entre si. Espero que essa experiência continue; vou torcer para que o próximo encontro aconteça em breve.

Beatriz: Que bom ver você podendo agora fazer dessa paixão de vida também uma paixão de estudo, Gláucia! Espero poder, com a ajuda de vocês, continuar promovendo este contato com essa arte maravilhosa que é o cinema.

Claudio Henrique: Eu fiquei um tempão pensando em como expressar a minha felicidade de participar desse passeio, mas acredito que a melhor forma de tentar dizer o que estou sentindo dentro de mim, desde que voltamos, é da forma mais informal possível. Todos aqui sabem que eu amo, amo mesmo, ser professor de português, amo literatura, amo discutir sobre o ensino, sobre percepções de língua, mas já faz uns 4 anos que a arte tem tido um peso muito importante na minha vida, pois eu vivo isso todos os dias, não só com a Literatura, mas com a Dança também. Desde o primeiro momento que entramos no prédio, eu fiquei igual uma criança que entra pela primeira vez num parquinho, nossa, eu fiquei maravilhado, com todo aquele pessoal, com toda aquela identidade sendo expressada de diversas formas, respirando arte 24 horas por dia, como todos eles estavam engajados naquilo tudo. Eu quero muito isso pra mim também, não só com as letras, mas com a arte. Fiquei maravilhado com a aula do professor, com a ajuda dos alunos com os demais colegas, com os trabalhos dos calouros que me fez arrepiar até os cabelos, com a oficina da história do cinema com a estudante, que me fez olhar para o cinema com olhares diferentes. Bom, acredito que não tem nada mais forte do que o amor, e eu amei o passeio com todas as minhas forças.

Quero agradecer muito a oportunidade e o convite, vocês sabem, eu não sou um participante do projeto Fora das Grades, por conta dos horários e tals, mas quero deixar bem claro que esse projeto é o mais TOP que existe hahaha. Quando cheguei em casa, contei minha experiência pra todo mundo, não consegui dormir de tão animado que eu estava, estou, com isso tudo. Preparei aulas utilizando filmes, já estou aplicando, nossa eu estou mais que 220 de animado com a arte. Não sei mais o que dizer, haha, vou ficar por aqui, amei amei, amei, amei tudo, agradeço a todo o pessoal da FAP, à professora Bea e à professora Cris. Vocês são demais, tomara que vocês continuem transformando a vida de muitas pessoas por aí. Um beijo a todxs, e não esqueçam de mim nas próximas hahaha.

Karine: Que lindo!

Eduardo Baggio: Que bonito relato, Cláudio! Uma universidade se faz com humanidade e humanidade se faz com trocas, com os outros, com amor e dedicação. Trocarmos experiências entre as sedes da Unespar é passo fundamental para sermos de fato uma universidade. A Bea e a Cris sabem disso, praticam isso. Precisamos mostrar para toda a Unespar que esse é o passo mais importante.

Claudio Henrique: Concordo professor, são experiências como essas que nos tornam universidade. Tomara que esse tipo de troca aconteça com mais frequência.

Beatriz: Nossa, Cláudio, muito lindas as tuas palavras! Vem lá de dentro mesmo. Sabe, tem um ditado que eu acho que se aplica inteiramente a ti: “Alegra-te com a vida, que tudo te será dado”. Acho que você é esta eterna criança alegre e grata por tudo que te é oferecido pela vida e esta gratidão vai abrindo os caminhos para você. Você tem tudo a ver com o *Campus II* e torço muito para que você possa estudar lá um dia. Sua contribuição na interação com os alunos do cinema foi essencial, muito rica mesmo. Fico muito grata por ter tido você entre nós.

Claudio Henrique: Professora eu só tenho a agradecer por todo seu suporte nesse meu lado que a senhora sabe que eu amo, e com certeza eu tb quero estudar no *campus II*, e se eu estou me mandando tão bem nesse lado, a senhora é uma das grandes contribuidoras pra isso.

Ivanize Soares: O encontro que tive com o curso de Cinema trouxe para mim a importância da troca de experiências com os diversos cursos, a ligação que possuem, que bom seria se todos os cursos de graduação tivessem essa parceria, essa troca de experiências, essa harmonia, esse diálogo com o saber. Conhecer as dependências onde os alunos do curso de cinema desenvolvem suas práticas, assistir uma aula com a apresentação de filmes que os alunos em conjunto fizeram, e assistir uma palestra sobre a história do cinema, foi enriquecedor para todos que ali estavam. Nunca passou pela minha cabeça e nem imaginava que ao assistir os filmes, documentários, e depois das rodas de conversas sobre o que assistimos no Fora das Grades fôssemos a fundo, ou seja, ver o que

acontece por trás da tela, ver o início de tudo, todo o trabalho que é feito, todos os detalhes, e isso a profª Juslaine, o prof. Eduardo Baggio, os alunos do curso de Cinema, a profª Bea e a profª Cris me proporcionaram. Foi algo maravilhoso, importante e significativo, e que ficará marcado para sempre em minha vida , pois foi inesquecível.

Beatriz: Agora tentando encontrar a linguagem da minha experiência com o nosso passeio. Começo falando que é difícil falar disso, porque, como toda experiência, ela parece incapturável pela linguagem. Pessoalmente, eu desejei muito que este encontro acontecesse, como uma forma de juntar minhas próprias partes. Eu - coordenadora do Fora das Grades - com o Eu - amante do cinema, esse campo de estudos enorme para quem vem da área dos estudos da literatura e da linguagem. Além disso eu queria também juntar as partes desta universidade, as realidades tão diferentes que vivemos em cada *campus*, em cada curso, mas também queria provocar as possibilidades de crescimento que surgem destas diferenças e a descoberta de que os pontos comuns e de comunicação são ainda maiores que estas diferenças. Creio que tudo isso aconteceu neste encontro.

Esta atividade que fizemos mostrou um potencial enorme deste grupo, fundado em uma autêntica vontade de aprender, de crescer e de se (auto)conhecer. Vi esta vontade em tudo: desde a responsabilidade de todos para pagar a van e não desistir de última hora, desde a pontualidade inglesa para a nossa partida, até o entusiasmo e alegria de cada um de vocês. Foi maravilhoso perceber como vocês, na parte da manhã, estavam ligados nos filmes produzidos pelos alunos na disciplina do professor Fábio Allon. O entusiasmo manifesto do Cláudio, mas que eu podia perceber no olhar de todos também, já me deu a certeza de que valeu a pena o esforço de estar ali. Foi muito importante ver as percepções que vocês puderam ter da atitude dos alunos, do quão diferente é quando realmente abraçamos aquilo que se põe como tarefa em um curso e do quanto se pode crescer com isso. Claro que o momento que vimos da aula do professor Allon foi apenas o momento da colheita, e talvez tenha ficado ainda obscuro o quanto de trabalho árduo e de estudo «chato» havia para se chegar àquele resultado.

Também o minicurso da Waleska nos trouxe aprendizado. Para muitos, foi o primeiro contato com a ideia de que o cinema tem uma história, e fiquei muito feliz pelo material riquíssimo que nos foi trazido pela Waleska para nos permitir fazer esta descoberta. Sei que é difícil pela primeira vez incorporar tanta informação, mas aos poucos esse conhecimento vai se sedimentando e dando uma percepção mais profunda do que está envolvido na arte do cinema. De minha parte, considero a história do cinema uma das coisas mais fascinantes, assim nem mesmo a batalha por uma garrafa de café – que nos foi arrancada por parte da funcionária do *campus*, já que a garrafa não era “nossa” - foram suficientes para aplacar minha curiosidade e entusiasmo pelo material trazido pela Waleska. Acho também que o fato de podermos ver uma aluna ministrando um curso para nós foi uma experiência importante, porque tem a potência de revelar o quanto podemos aprender uns com os outros, como alunos. Enquanto professora, eu anseio o tempo todo que os alunos me destituam deste lugar, no qual me sinto tão isolada, e me integrem à comunidade não hierárquica daqueles que simplesmente aprendem uns com os outros. Então para mim este mini-curso da Waleska teve este valor enorme, de me fazer estar com vocês como aluna, diante de outra aluna. Quanto à experiência na disciplina do Fábio Allon, só tenho a agradecer enormemente a oportunidade de poder estar presenciando com vocês um processo de aprendizado em que eu realmente acredito, fundado na autonomia e na atitude dos alunos de dar o seu melhor, porque o que estava ali era algo seu, uma obra sua, era a sua própria identidade como artista começando a se formar.

De tudo, para mim o mais especial foi a discussão que tivemos ao final da nossa jornada, que mostrou percepções tão ricas da parte de vocês. Além disso, foi importante para mim também saber na prática o quanto as parcerias que podemos estabelecer com o cinema podem enriquecer a formação dos estudantes de Letras, e também em sentido inverso, e o quão bom é poder contar com a amizade e a alegria de colegas parceiros nessa empreitada, como a Cris, a Juslaine e o Eduardo, além do apoio inestimável da Helena e da Agnes Vilseki. Espero ter forças e energia para estreitar mais estes laços e realizar mais ações como esta. Só tenho a agradecer a todos por me darem a oportunidade de crescer tanto junto com vocês.

Claudio Henrique: Maravilhoso, professora, eu quero mais. Quero sentir essa sensação de degustação da arte novamente. Haha, estou no aguardo por mais Haha.

Beatriz: Vamos “armar” coisas, Cláudio, juntos, sempre!

Andressa Megiolaro: No final da oficina ministrada pela Waleska eu me senti extasiada ao pensar na relação entre o curso de Letras e o curso de Cinema. Comecei a pensar e pensar e percebi que, como as Letras, o Cinema acompanha a humanidade... fiquei maravilhada em ver e sentir que a língua está em tudo, que ela se relaciona com as mais variadas formas de arte, e isso é lindo, é de uma grandiosidade que me deixou ainda mais apaixonada por ter estudado a língua, mas ao mesmo tempo triste por não ter me dedicado como deveria, durante a faculdade. Esse encontro me acrescentou muito, pois agregou um valor ainda maior ao curso de Letras, pra mim... Me fez sentir GRANDE, IMPORTANTE, plena, apaixonada, e com mais vontade ainda de conhecer sobre cinema, mais vontade de estudar a linguagem e buscá-la nas outras formas de arte... Enfim, a arte me transforma... ela me engrandece, me faz sentir rica, feliz, e ver a arte na língua e a língua na arte é maravilhoso.

Karine Ladeira: Eu tenho um sentimento parecido com o teu, eu me sinto grande quando estou em contato com a arte.

Beatriz: A arte nos faz sentir grandes porque ela nos põe em contato com nossa verdadeira natureza, que é grande, sempre. Nosso eu não é este monte de picuinhas cotidianas que vivemos, somos seres espirituais, isto é, nascemos para compreender, tornar-nos menos ignorantes e superarmos nossos obstáculos em direção à liberdade, e a arte nos lembra disso.

Karine: O Fora das Grades ocupa uma parte do meu coração. Não sei como esse grupo passou a ter tanta importância pra mim, mas estar no grupo é uma das atividades que mais gosto na vida. Esse sentimento se estende também às pessoas, eu amo estar com as pessoas do grupo, amo conversar com elas. Enfim, a relação que eu tenho com esse

grupo e tudo o que ele me proporciona - a apreciação da arte, o conhecimento, a reflexão, a sensibilidade, o sentimento de estar entre pessoas que pensam comigo, a conversa boa... - é uma relação de amor que atribui sentido para minha vida.

Beatriz: Karine, você se tornou uma pessoa essencial em nosso grupo, como um grande pilar dele, pois, tal como vários membros do grupo, você fez um percurso de transformação profunda ao longo de nossos encontros e, com isto, deu profundidade ao próprio projeto. Este projeto só está de pé porque tem este afeto todo sustentando a gente. Você e os membros mais engajados do grupo nos ajudam sempre a manter o foco certo e a não esmorecer.

Carolina Cardozo: Bom, eu não costumo muito me pronunciar, porém, depois que dei um tempo para eu mesma digerir tudo o que houve de bom nesse encontro, resolvi escrever sobre. Achei que o encontro já começou fascinante, assim que chegamos naquele espaço cheio de verde e totalmente diferente do que todos nós esperávamos. Automaticamente me senti acolhida pelo ambiente, não parecia com a faculdade que estamos acostumados, parecia algo mais leve e despojado, algo mais acolhedor, em que as pessoas se expressam como querem sobre elas mesmas e elas têm liberdade para isso. Assim que fomos assistir as apresentações dos alunos do primeiro ano, eu reparei o quanto eles são bons naquilo que fazem, que se esforçam, mesmo com todas as adversidades que tiveram de enfrentar em suas produções, todas as improvisações que elaboraram. Isso foi inspirador. Mas o que mais me chamou a atenção foi a cooperação entre todos os alunos. Todas as apresentações tiveram seus pontos positivos colocados em ênfase pelos colegas que não faziam parte do grupo, também ouviam sugestões de uma forma aberta sobre os pontos que não saíram do jeito que se esperava. A oficina ministrada pela Waleska foi, sem dúvida, um divisor de águas. Nunca imaginei que a história do cinema fosse tão rica e tão antiga, que fosse tão cheia de obstáculos e que tivesse tantas fases.

Eu lembro do sentimento de deslumbramento que se apossou de mim durante o dia inteiro, semelhante ao sentimento do meu primeiro contato com o Fora das Grades e acho que em apenas um texto não consigo expressar o quanto o Fora das Grades tem me motivado a melhorar como pessoa, a respeitar a minha própria subjetividade e a dos outros. Eu só tenho que agradecer a todos que possibilitaram esse contato com a arte do cinema, todos que participaram no dia, nos recepcionaram tão bem, de forma tão aberta e acolhedora. Os meus colegas e as professoras do Fora das Grades, que tornaram tudo enriquecedor e divertido, pois melhor do que aprender, é aprender se divertindo.

Beatriz: Muito importante o teu depoimento, Carol. Fico muito feliz de ver quantas percepções importantes um encontro como este que fizemos pode proporcionar. Acho que você menciona todos os pontos importantes, a percepção de que nossa universidade vai para além dos limites do nosso *campus*, a percepção de que um *campus* pode e deve ser “algo mais leve” e acolhedor, “verde”, a percepção de atitudes de aprendizagem dos alunos de cinema e a percepção mesma da riqueza que é o cinema como arte e campo de estudos. Este deslumbramento que você menciona é maravilhoso, pois é o deslumbramento diante de uma visão mais positiva e mais enriquecedora de nossa universidade. Também é o deslumbramento de uma descoberta pessoal, de suas conexões com o mundo e com aquilo que pode se constituir como caminho pra você. Obrigada pelo depoimento, pela gratidão, ela é mútua.

Beatriz: Agora não falarei de minha experiência com nossa visita ao curso de Cinema, mas falarei sobre o fato de compartilharmos nossas experiências. Primeiramente gostaria de agradecer a todos que compartilharam seus escritos neste fórum e em todos os demais que temos feito. Dedicar um tempo a isto é algo inteiramente incomum em nosso mundo em que o que vale a pena se mede pelo lucro, pelo quanto a coisa rende, seja para o meu bolso, seja para a minha imagem, seja para o meu tempo. Mas escrever assim, para apenas compartilhar uma experiência, é algo que foge inteiramente a esta lógica do lucro e que demonstra uma enorme força, vinda da gratuidade. Falar sobre uma experiência não é compartilhar informação. A informação é uma moeda de troca, a experiência não é

nada. É apenas o nosso eu, querendo se encontrar com o outro. Então falar sobre nossas experiências tem muito de amor. Nisso não há lucro, há alegria, há celebração, que se manifesta na vontade de dizer para o outro: Ei, eu vivi isto, ouça e viva junto comigo, e sejamos uma mesma humanidade!

Eu sempre insisto para que nós escrevamos ou falemos sobre nossas experiências. Não faço isso com a intenção de dar trabalho a nenhum de nós, ou de impor-nos mais uma chatice ou tarefa, mas faço-o motivada por uma fé, que é a fé na narração e no quanto ela pode nos salvar, transformando o vivido em experienciado, em algo realmente nosso e, portanto, nos enriquecendo e nos tornando mais felizes. Um grande filósofo judeu-alemão chamado Walter Benjamin, e que se matou em 1940 diante do desespero de ser deportado e morto pelos nazistas, escreveu coisas muito acertadas sobre a função da narração como fundamento da experiência. Ele diz, se eu puder resumir superficialmente seu pensamento, que sem narração não há experiência, que aquilo que vivemos, se não for compartilhado, é apenas algo vivido, mas não experienciado. Em um texto chamado *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (aliás, temos que ler esse Leskov, é muito bom!), Benjamin faz toda uma análise sobre as transformações da modernidade que tornaram o ato de narrar algo supérfluo. Entre estas coisas está a morte da experiência (do vivido subjetivamente e compartilhado coletivamente), que foi substituída pela informação (o não vivido subjetivamente e que fazemos meramente circular, calando a nós mesmos e ao outro). Substituímos o eu-experiência pela coisa-informação. Cotidianamente compartilhamos no *facebook* muitas informações, mas muito raramente experiências. Com isso, raramente compartilhamos, no sentido estrito do termo. E com isso diminuimos o nosso campo de experiência, contribuindo para a morte da experiência anunciada por Benjamin, e, conseqüentemente, para o empobrecimento de nossas vidas, daquilo que realmente nos conecta com elas.

Não por acaso o nome inteiro do nosso projeto é “Projeto Fora das Grades: experienciando a literatura e o cinema como prazer e liberdade”. A ideia de experiência está já no nome do Projeto, porque ele não é nada além de um projeto para permitir que cada um de nós façamos a experiência de nós mesmos. A literatura e o cinema nos ajudarão nesta jornada, mas o objetivo é entender melhor quem somos, porque estamos aqui, o

que estamos buscando. Para isso é preciso experienciar o que vivemos, lemos, vemos, é preciso tornar tudo isso nosso, tornar isso algo vivido em conexão profunda com o nosso eu. Mas como acessar este eu senão em conexão com o outro? Por isso narrar é tão importante, porque é a narração do que vivemos que irá fazer do vivido uma experiência no sentido próprio do termo. A narração faz com que o que vivemos possa, no dizer de um educador espanhol chamado Jorge Larrosa, não “se passar” (como um acontecimento), mas passar por nós (como uma experiência) e alcançar o outro. No limite, a narração nos salva da apatia de pensarmos erroneamente que estamos isolados e que o que vivemos é algo comunicável, que não pertence a mais ninguém. Como diz Larrosa, em um livro seu chamado *Tremores: escritos de experiência*, publicado em 2016 no Brasil, precisamos encontrar uma linguagem para a experiência, e com isso, diz ele, “quero dizer que gostaria de poder falar com você, pensar com você” (ele diz isso na página 69).

Obrigada a todos que enfrentaram todos os obstáculos para encontrar esta linguagem da experiência, que dedicaram seu tempo para falar, a partir de dentro, de algo que vivemos juntos e que, por ter sido experienciado, se tornou nosso, parte de nossa vida.

UMA PALAVRA FINAL

Recentemente, pedi ao Cláudio que ele nos falasse sobre aquele dia em que visitamos o curso de Cinema, lá nos “idos” de 2016. Com as palavras dele, às quais nada tenho a acrescentar, encerro este escrito, na esperança de ter envolvido cada um dos que o leram na partilha de uma vida em comum, de uma universidade e de uma universalidade feita de singularidades.

Cláudio Henrique: O dia 14 de outubro de 2016 foi um divisor de águas na minha vida, não só pessoal como profissional. Nesse dia fui com um grupo de estudantes e a professora Beatriz Vasconcelos da universidade UNESPAR - *Campus* Paranaguá, visitar o Curso de Cinema no *Campus* de Curitiba II, da mesma universidade. O que encontrei lá foram pessoas apaixonadas pela arte, assim como eu, claro dadas as devidas proporções, pois não trabalho com cinema, sou dançarino, mas o que me realizou foi ver que poderia viver do que amo. Assistindo uma aula com alunos do curso de cinema e conhecendo um pouco

daquele mundo, percebi que não estava apenas “conhecendo”, e sim percebendo que eu também estava, de certa forma, incluso naquilo tudo. Assim, andando pelos corredores do *Campus* encontrei uma sala de dança, e lá, sozinho, olhando para os espelhos, percebi e decidi o que realmente queria fazer pelo resto da minha vida, decidi ser artista. Depois disso mudei todo meu projeto de vida, estou começando do zero, mas feliz, pois finalmente sei o que quero. Enfim, Só tenho a agradecer à professora Beatriz e a todo pessoal do *Campus* de Curitiba II, vocês me ajudaram a me reconhecer como artista, e isso não tem preço.

Figura 6: Participantes do Projeto Fora das Grades e professores do Curso de Letras e do Curso de Cinema da Unespar em frente à Faculdade de Artes do Paraná, atual Unespar – *Campus* de Curitiba II. Data 14/10/2016.



Da esquerda para a direita: Leonardo Souza, Cláudio Henrique Nascimento Silva, Beatriz Vasconcelos, Carolina Cardozo, Gláucia Glavão, Andressa Megiolaro (à frente), Camila Serafim, Cristian Pagoto, Ivanize Soares, Magna Gomes, Karine Ladeira, André Dallabrida, Patrícia Coelho Tarrachuque, Kethelin Rocha, Viviane Nascimento (à frente), Juslaine Abreu Nogueira, Eduardo Baggio, Agnes Vilseki.

REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. São Paulo: Autêntica, 2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: . **Magia e técnica, arte e política, Obras escolhidas I**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.